

LEVANTAMENTO SOBRE UTILIZAÇÃO DE AGROTÓXICOS NA COLÔNIA SANTA SILVANA – PELOTAS/RS (2013-2014)

CAMILA NEREIDA DE SOUZA¹; BIANCA CONRAD BOHN²; CARLA BEATRIZ
DA SILVA PERNAS³; HENRIQUE TIMM VIEIRA⁴; DANIELE BONDAN
PACHECO⁵; FERNANDA DE REZENDE PINTO⁶

¹Instituto Federal Sul-rio-grandense Campus Pelotas – caca.zootecnista@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – biankabohm@hotmail.com

³Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas – carla.pernas@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – yke.vieira@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – danielebondan@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – f_rezendevet@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O tema do trabalho é a utilização de agrotóxicos e a percepção dos riscos de seu uso pelos produtores rurais da Colônia Santa Silvana, área rural de Pelotas – RS. A área temática é meio ambiente. O projeto de extensão que deu origem a esse estudo é denominado “Pet Gestão Veterinária” da Faculdade de Veterinária da UFPel e foi desenvolvido em parceria com o Programa Nacional de Vigilância em Saúde Ambiental Relacionada à Qualidade da Água para Consumo Humano (VIGIÁGUA) da Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas (SMS-Pelotas). Uma vez que, desde a Revolução Verde, em 1950, o desenvolvimento da produção agrícola sofreu mudanças com o uso de novas tecnologias, visando à produção extensiva agrícola, dentre elas, o uso extensivo de agrotóxicos, com a função de controlar doenças e pragas e aumentar a produtividade (BRASIL, 2017), o uso indiscriminado desse produto causa inúmeras consequências negativas ao ser humano e meio ambiente, podendo causar doenças como o câncer e impactos ambientais, como contaminação de lençóis freáticos, solo e ar (CASALI, 2008).

Outro aspecto importante, mas comumente negligenciado pelos indivíduos que manipulam agrotóxicos, é o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs). Muitos agricultores não fazem utilização de EPIs e quando o fazem é de forma incorreta. Além disso, geralmente, no momento do preparo calda, os agricultores não utilizam EPIs. Esse fato acontece por vários motivos como, elevado preço do EPI, dificuldade em vesti-lo e incômodo gerado pelo calor, principalmente em épocas mais quentes do ano. Assim, ações de educação e esclarecimento da população rural sobre a correta utilização dos agrotóxicos e riscos que podem causar são necessárias para preservar a saúde do ambiente, animais e das pessoas na área rural.

Sendo assim, o público-alvo do projeto foi a comunidade rural, que atuou como fonte de informações sobre o tema, e a partir dos resultados, possibilitou que a demanda fosse avaliada pela equipe do Programa VIGIÁGUA da SMS-Pelotas, possibilitando o delineamento de ações educativas a fim de orientar a população da Colônia Santa Silvana sobre riscos do uso de agrotóxicos e formas de prevenção.

Existe interdisciplinaridade na proposta, uma vez que participaram graduandos dos cursos de Medicina veterinária e Zootecnia da UFPel, além de profissionais de diferentes áreas de formação que atuam como docentes na UFPel e funcionários da SMS-Pelotas. Além disso, o projeto favoreceu aos graduandos entrar em contato com a realidade do meio rural e proporcionar o

convívio mais estreito com a população. O público externo, representado pela comunidade de Santa Silvana e os gestores do Programa VIGIÁGUA foram beneficiados pelo levantamento das informações e possibilidade de ações de intervenção para a melhoria da saúde humana, animal e ambiental.

A partir do exposto, o objetivo do estudo foi levantar informações sobre o uso de agrotóxicos na Colônia Santa Silvana I, no 6º Distrito de Pelotas, e fornecer dados para a gestão de saúde pública do município de Pelotas, a fim de orientar ações educativas sobre o tema na comunidade.

2. DESENVOLVIMENTO

Os resultados deste estudo são parte do projeto de extensão “Pet Gestão Veterinária” (Código DIPLAN/PREC 52286044) da Faculdade de Veterinária da UFPel, desenvolvido junto à Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas. Nesse estudo, foram visitadas 52 residências localizadas no 6º Distrito de Pelotas, na Colônia Santa Silvana I, entre dezembro de 2013 a outubro de 2014.

Durante as visitas foi aplicado aos moradores um questionário com questões abertas e fechadas, a fim de se obter informações sobre o uso de agrotóxicos no local. Os dados obtidos foram analisados pelo programa estatístico EpiData.

3. RESULTADOS

Segundo os resultados, das 52 residências visitadas, a exploração agrícola estava presente na maioria das propriedades, pois em 41 (78,80%) um ou mais tipo de cultivo era produzido. Os principais tipos de cultivos eram fumo (58,50%), milho (43,90%), feijão (29,30%), batata (19,50%) e cebola (12,20%). Mas também eram cultivados, em quantidade menor de propriedades: tomate, pepino, pastagem, soja, morango, amendoim, beterraba.

A maioria das famílias nas residências possuía de duas a quatro pessoas (65,44%). Em 39 residências (75,00%) havia adultos que trabalhavam diretamente em lavouras e em sete (13,50%) os filhos (crianças) auxiliavam os pais no trabalho no campo.

O uso de agrotóxico nas lavouras ocorria em 35 (85,40%) das 41 propriedades que tinham produção agrícola. Sobre a frequência de utilização, a maioria respondeu ser durante a safra (38,20%), seguido de mensal (26,50%) e semanal (14,70%).

Dos entrevistados que utilizavam agrotóxico, a maioria (73,20%) afirmou saber o nome do produto aplicado. Quanto às pragas que os agrotóxicos citados atuavam, a maior parte era herbicida (88,9%), seguido de antibrotante (42,9%), fungicida (29,60%) e inseticida (22,20%). Quanto à classe toxicológica dos produtos, a maioria era considerada mediantemente tóxico (faixa azul) (51,70%), seguido de extremamente tóxico (faixa vermelha) (44,80%), altamente tóxico (faixa amarela) 37,90%) e pouco tóxico (faixa verde) em 31,0% das propriedades que utilizam agrotóxicos,

Quando questionados sobre a possibilidade de agrotóxicos causarem doenças em pessoas, 47 moradores (90,40%) responderam de forma afirmativa, enquanto que quatro (7,70%) não sabiam responder. Sobre a possibilidade dos agrotóxicos causarem doenças em animais, 45 (86,50%) responderam de forma afirmativa, enquanto que seis (11,50%) também afirmaram não saber.

Em relação ao hábito de proteção pessoal (uso de equipamentos de proteção individual – EPI), a maioria dos entrevistados que usam agrotóxicos (82,8%) afirmaram utilizar os EPI no momento da aplicação. Sobre quais EPI eram utilizados, 79,30% citaram botas, 65,50% luvas, 51,70% máscara, 44,80% touca árabe e 41,4% óculos. Já sobre o uso dos EPI no momento da preparação da calda, 82,80% confirmaram utilizar, citando luvas (62,1%), botas (58,6%), máscara (37,9%), óculos (34,5%) e touca árabe (31,0%). Resultado semelhante foi descrito por PINTO (2011) em pesquisa na região de Jaboticabal, São Paulo, onde produtores informaram que não utilizavam o EPI completo no momento da aplicação, dando preferência para o calçamento das botas, máscaras e luvas. Esse comportamento coloca em risco a saúde dessas pessoas, pois uma das principais vias de entrada de agrotóxicos no organismo humano é por meio da derme, e a não utilização correta dos EPI completo expõe o trabalhador rural a intoxicações.

A lavagem do EPI era feita separadamente das demais roupas da residência em 87,5% das residências que utilizavam agrotóxicos, e 12,5% responderam nunca lavar os EPI.

A fonte de abastecimento de água utilizada em 35 propriedades para o preparo da calda era representada por poços (56,0%), açude (12,0%) e poço e açude em 7,7%. A distância entre o local de preparo da calda e a fonte de água da propriedade estava acima de 50 metros em 83,5% das 35 propriedades.

Segundo os moradores, de 22 respondentes, 91,7% afirmaram procurar auxílio no momento da compra do agrotóxico, sendo a informação adquirida através de um técnico (72,7%), seguido de vendedor ou amigo (4,5% cada).

O destino das embalagens vazias de agrotóxicos em 24 propriedades foi mencionado como realização de tripla lavagem e envio para posto de coleta (83,3%), queima (4,2%) e outros destinos em 12,5%.

4. AVALIAÇÃO

A avaliação dos resultados do projeto indica que o uso de agrotóxicos é amplamente disseminado e frequente na área onde as entrevistas aconteceram.

Existe a participação direta dessa população no trabalho na lavoura e consequente manipulação desse produto químico. Os agrotóxicos utilizados são de graus elevados de toxicidade, na sua maioria. Existe um conhecimento prévio na maioria das pessoas em relação aos riscos dos agrotóxicos à saúde humana e de animais expostos, e o uso de proteção (EPI) no manuseio dos produtos no momento da aplicação e diluição, bem como na lavagem do EPI após o uso. A destinação das embalagens também ocorreu de forma adequada na maioria das propriedades. Esses resultados indicam que existe, na maior parte dos entrevistados, um conhecimento prévio sobre os riscos de uso dos agrotóxicos, no entanto, houve respostas, embora em menor porcentagem, indicando a necessidade de ações de educação para um maior esclarecimento e convencimento da população sobre o manejo correto desses produtos.

As informações foram tabuladas, discutidas, e repassadas ao Programa VIGIÁGUA, a fim de subsidiar as ações futuras relacionadas à proteção ambiental e de saúde pública pertinentes ao uso de agrotóxicos. Os possíveis desdobramentos são relacionados às informações sobre a realidade da população analisada e auxílio em nortear futuras ações, que podem ser desenvolvidas em

parceria da equipe de alunos e docentes da UFPel e da SMS-Pelotas, a fim de garantir melhoria de vida para a população rural.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Ministério Do Meio Ambiente**. Acessado em 02 de outubro de 2017. Online. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/seguranca-quimica/agrotoxicos>.

CASALI, C. A. **Qualidade da água para consumo humano ofertada em escolas e comunidades rurais da região central do Rio Grande do Sul. 2008.** 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Solo) - Programa de Pós-Graduação em Ciência do Solo, Universidade Federal de Santa Maria.

PINTO, F.R. **Qualidade da água em propriedades rurais da microbracia hidrográfica do córrego rico, Jaboticapal-SP. 2011.** 180 f. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária Preventiva) – Programa de Pós-graduação em Medicina Veterinária, Universidade Estadual Paulista